UNIVERSITAS

Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia
N.os 12/13 maio/dezembro 1972

Sumário

Apresentação — Joaquim Batista Neves 5
O "Curso de Artes" ou a "Faculdade de Filosofia" do Colégio da Companhia de Jesus, na Cidade do Salvador — Frederico G. Edelweiss 7
Moreira César na poesia popular — José Calasans Brandão da Silva 39
As tradições líticas de uma região do Baixo-Médio S. Francisco (Bahia) — Valentin Calderón 49
Notas para um curso de Introdução à História das Idéias Políticas no Brasil — Albérico Motta 63
As grandes civilizações americanas anteriores ao Descobrimento — Hélio de Souza Ribeiro 83
Demografia restrospectiva: uma nova dimensão da História seriada (fontes e métodos) — Johildo Lopes de Athayde 95
A estrutura dual dos objetos culturais — Eliana Barbosa 113
A Psicologia e o psicólogo — Antônio Rodrigues Soares 121
Princípios de um estudo de rede urbana de um país em desenvolvimento: o exemplo do Centro-Este da Bahia — Jacqueline Beaujeu-Garnier e Antônia Déa Erdens 131
A velha tribo Mundurucu, objeto de pesquisa científica — Cora de M. Pedreira 147
Um inédito de Basílio da Gama — Fernando da Rocha Peres 155
Apontamentos para a História da Imprensa na Bahia — Antônio Loureiro de Souza 161

Apontamentos para a História da Imprensa na Bahia

A partir de 1911, até a época atual, nada existe sobre a história da imprensa baiana, senão artigos esparsos, enfocando alguns aspectos isolados. De 1811 a 1911, volvido, portanto, um século, a relação dos jornais baianos é completa, graças ao trabalho de Alfredo de Carvalho, no seu *Anais da Imprensa Baiana*. De 1911 em diante, o que tem havido mais não são do que publicações soltas, sem o critério do relacionamento absoluto. Daí a dificuldade bibliográfica com que nos deparamos e as variadas omissões que então se verificaram em estudos anteriores que publicamos e que, cada vez que o fazemos, buscamos melhorar e corrigir. Façamos, no entanto, um retrospecto. A 14 de maio de 1811 (no governo do Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Brito), o português, aqui radicado, Manuel Antônio da Silva Serva, dava a lume a *Idade d'Ouro do Brasil*. Circulava o jornal duas vezes por semana, às terças e sextas-feiras, dando números extraordinários quando a abundância da matéria assim o determinava, sem acréscimo do preço para os assinantes, que pagaram para a sua subscrição até 31 de dezembro

de 1811 a quantia de 8$000. O número avulso era vendido, inicialmente, por 60 réis, passando a 80 réis pouco depois. Dentre outros, foram seus redatores o emigrado português Diogo Soares da Silva e Bivar (que teve uma filha baiana, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco, (1817-1875), que editou, no Rio de Janeiro, a primeira revista — *Jornal das Senhoras* — destinada a assuntos femininos e dirigida por mulher) e o Padre Inácio José de Macedo. Desaparecido em 1823 o nosso primeiro jornal, já antes, em 1819, havia falecido o seu fundador Manuel Antônio da Silva Serva, que foi sucedido pela firma Viúva Serva e Carvalho, negociante nesta praça e que, mais tarde, deixando a sociedade, deu lugar a que a firma passasse à razão social Viúva Serva e Filhos. (A propósito da história desse jornal, há, publicado recentemente, um trabalho do escritor Renato Berbert de Castro: *A Idade d'Ouro do Brasil*, que, no particular, esgota o assunto).

AS VARIEDADES, OU ENSAIOS DE LITERATURA

Se a Bahia, como salientamos, não teve a primazia de editar o primeiro jornal brasileiro, a primeira revista, porém, surgiu aqui. Chamava-se *As Variedades, ou Ensaios de Literatura*, aparecida em 1812 e também impressa, como a *Idade d'Ouro do Brasil*, na tipografia de Manuel Antônio da Silva Serva e dirigida por Diogo Soares da Silva e Bivar. Teve duração efêmera e a única coleção hoje existente, que pertencia ao historiador Francisco Marques dos Santos, foi por ele doada ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, onde se encontra. No centro da capa dessa revista, estavam impressos os símbolos maçônicos.

Da antiga tipografia de Manuel Antônio da Silva Serva, então denominada Tipografia da Viúva Serva e Carvalho, saíram, a 1.º de março de 1821, o *Semanário Cívico*, redigido por Joaquim José da Silva Maia, português radicado na Bahia. Era um jornal que defendia a política do General Madeira de Melo. Durou pouco mais de dois anos. Após haver dado a lume 119 números, deixou de circular a 19 de junho de 1823. Também pudera! Ainda impresso na mesma tipografia, circulou a *Sentinela Baiense*, cujo primeiro número data de 21 de junho de 1822, bem como a *Minerva Baiense*, bi-semanário, cuja circulação, iniciada a 7 de abril de 1821, terminaria em dezembro do mesmo ano. *O Diário Constitucional* sairia a lume a 4 de agosto de 1821, cujo proprietário era Francisco José de Almeida Corte Real. Integravam a redação: Francisco Gomes Brandão, José Avelino Barbosa e Eusébio Valério. Deixou de circular a 8 de fevereiro de 1822, voltando a fazê-lo dias depois, para, novamente, a 3 de abril do mesmo ano, desaparecer com esse título,

substituído pelo de *O Constitucional*, que iniciou a sua circulação a 10 de abril de 1822. Jornal nitidamente nacionalista. Um dos seus redatores, o baiano Francisco Gomes Brandão, alterou o próprio nome, de raízes portuguesas, para o de Francisco Gê Acaiaba de Montezuma. Pela coragem dos seus redatores, que se opunham à dominação portuguesa, foi o referido jornal empastelado no dia 21 de agosto, por ordem de Vitorino Serrão, oficial do exército português, alcunhado o "Ruivo". Pertenceu à sua redação Antônio Pereira Rebouças, maragojipano ilustre, que assinava os seus trabalhos com o pseudônimo de Catão. O *Diário Constitucional* teve papel influente na vida política baiana de então. Sob o seu cabeçalho saíam, sempre, os versos de Camões: "A Verdade que eu canto nua e pura/Vence toda a grandeza da escritura". Circularam, ao todo, 58 números. Fundado por Manuel José da Cruz, apareceu, em julho de 1822, o semanário *Analisador Constitucional*, que deixou de circular em fevereiro de 1823.

A preocupação dos jornalistas de então em darem aos títulos dos jornais que vinham surgindo a denominação "constitucional", é evidente. Assim é que, em julho de 1822, justo no dia 31, vinha a lume o *Baluarte Constitucional*, sendo seu redator Antônio Tomás de Negreiros. Extinguiu-se em dezembro do mesmo ano. No dia 12 de agosto, ainda em 1822, aparece o *Espectador Constitucional*, redigido por Francisco das Chagas de Jesus. Deixou de circular em junho de 1823. Como este último, também impresso na Tipografia Serva, aparece, a 24 de agosto de 1822, a *Idade de Ferro*. Teve vida efêmera, deixando de circular em novembro do mesmo ano, como, também, de vida curta, foi o *Despertador das Variedades Constitucionais*, que iniciou a sua vida a 2 de setembro de 1822. Trisemanário seria *A Abelha*, cujo primeiro número traz a data de 2 de dezembro de 1822. Foi de breve duração. Por essa época reapareceria, na cidade da Cachoeira, o *Independente Constitucional*, impresso numa tipografia denominada Tipografia Imperial e Nacional. Removida da Cachoeira para esta Capital, aqui imprimiria *O Constitucional Baiense*, cujo primeiro número é datado de maio de 1828. Durou, portanto, 5 anos. Em 1822 circularam, ainda, outros pequenos jornais, sendo que um deles tinha a denominação de *O Analista*. Vale lembrar a atividade de Cipriano Barata, com o seu *Sentinela da Liberdade*, saído do Quartel-General de Pirajá e, mais tarde, do Forte de São Pedro (1831-1834).

O VELHO DIÁRIO DA BAHIA

Fundado em fevereiro de 1833, surgia o *Diário da Bahia*, a cuja redação teria pertencido Francisco Gonçalves Viana, que mais

tarde seria o Visconde de São Lourenço. Em julho de 1837, dirigido por Sabino Vieira, e veículo de suas idéias libertárias, aparecia o novo *Diário da Bahia*. Outros jornais circulariam nesta Capital. Vejamos, nesta síntese, que bem sabemos incompleta, que é feita à guisa de modesta contribuição à história da imprensa na Bahia, a seguinte relação: O *Guaicuru*, considerado o primeiro jornal republicano, sob a direção de Domingos Guedes Cabral; O *Século*, em 1848. *A Marmota*, de Próspero Diniz, que circulou entre os anos de 1845 a 1850. O *Diário de Notícias*, fundado, a 15 de março de 1875, por M.S. Lopes Cardoso e que hoje pertence à cadeia dos Diários Associados. Ainda antes do *Diário de Notícias*, apontaremos o *Jornal da Tarde*, em 1858, fundado e dirigido por Agrário de Menezes, ao lado de Antônio Álvaro da Silva. Agrário teve viva participação no jornalismo baiano, ora como redator-chefe, ora como redator ou colaborador nos seguintes jornais do seu tempo: *Jornal da Bahia* (1856). *O Povo*. (1856) *O Patriota*. (1856) *A Semana* (1857) *A Marmota*, acima já citado. *A Opinião*. *O Norte*. O *Correio Mercantil*. O *Noticiador Católico*. *O Caixeiro Nacional*, etc. (cf. Sá Menezes – *Agrário de Menezes, um Liberal do Império*.) Como vimos dizendo, outros jornais já existiam antes do aparecimento do *Diário de Notícias*: *o Diário da Bahia*, *o Jornal da Bahia* e o *Correio da Bahia*. O *Jornal da Bahia* (1856) circulou até 1878, surgindo, em seu lugar, pouco depois, isto é, em 1887, a *Gazeta da Bahia*, que foi até 1890, passando a denominar-se, mais tarde, *Estado da Bahia*, que circulou até 1897. O *Correio da Bahia* teve vida relativamente curta: sete anos. Na última década do século passado, incursionando pela primeira do atual, outros jornais circulariam aqui em Salvador, de vida mais ou menos efêmera: *O Abolicionista*, *A República Federal*, *O Republicano*, em 1897; *O Panteon*, *O Album*, *Nova Cruzada*, este de caráter nitidamente literário, *O Papão*, etc. Outro jornal dessa época, de curta duração, foi *O Monitor*. Vale mencionar que o *Diário da Bahia*, que chegou, com alguma intermitência, a festejar o seu centenário, representou papel saliente na vida pública baiana. Além de, por ele, haverem passado os nomes mais expressivos da cultura e da política, a sua participação em todos os movimentos que interessavam à vida baiana foi das mais brilhantes e decisivas. Por sua redação, ao longo dos anos, desfilaram, dentre outras personalidades que se destacaram na vida brasileira: Demétrio Tourinho, Landulfo Medrado, o Conselheiro Dantas, Augusto Álvares Guimarães, Severino Vieira, Belarmino Barreto, Sátiro Dias, Constâncio Alves, Rui Barbosa, que chegou a seu diretor aos 24 anos de idade, Américo Pinto Barreto, Manoel Vitorino, Moniz Sodré, Torquato Bahia, Odilon Santos, Aurelino Leal, Carlos Ribeiro, outros. Na história da imprensa baiana, quan-

do ela for levantada detidamente por algum beneditino estudioso, o *Diário da Bahia* há de resplender como um jornal dos mais atuantes em toda a vida brasileira, quer no Império, quer na República. Para gáudio nosso, na nossa despretenciosa vida jornalística, também por ali passamos um dia. Nos últimos anos de sua existência, outros nomes também de dedicados jornalistas por ali passaram. Enumeraríamos, com as omissões naturais, num estudo sem melhores fontes, J. Carvalho Sá, Cármino Longo, Thadeu Santos, Lafaiete Spínola, César de Araújo Alves, Fernando Hupsel de Oliveira, Murilo Soares da Cunha, Monsenhor Manoel de Aquino Barbosa, Emanuel Marques Chagas, Fernando Pedreira, Salvador Borges dos Reis, Gilberto Guimarães, Abel Mendonça, Aprígio Araujo, Auto José de Castro, Gervásio Batista, Percy Cardoso, outros e outros.

HÁ 100 ANOS, ESTES OS JORNAIS E REVISTAS BAIANOS

Vai para pouco mais de um século (102 anos) circulavam nesta Capital os seguintes jornais e revistas, todos, infelizmente, já desaparecidos: *O Bilontra,* dirigido por Alfredo Antônio Xavier Leal Filho; *A Confederação; A Federação,* todos hebdomadários, dirigidos por estudantes de Direito e de Medicina. *Nova Revista,* de Álvaro Reis. *Revista dos Municípios,* de Guimarães Cova. *O Ateneu,* de Moniz Barreto; *O Marimbondo,* órgão da Faculdade de Medicina da Bahia, dirigido por Álvaro Reis e outros; *A Bahia,* de Lemos Brito e Alfredo Pimentel; *Leituras Religiosas,* dirigido por Monsenhor Ildefonso de Oliveira, do qual era proprietário e gerente Luís Pereira de Castro, pai do notável poeta Galdino de Castro; o jornal espárita *O Eco D'Alem-Túmulo,* fundado e dirigido (1869) por Luís Olímpio Teles de Menezes. A propósito, vale uma dissertação em torno desse jornalista. Era ele filho do Capitão graduado Fernando Luís Teles de Menezes e de d. Francisca Umbelina de Figueiredo Menezes. Pertencia à ilustre família dos Menezes, de velhos capitães, magistrados e clérigos portugueses, a qual, desde os primórdios do século XVIII, deu entrada no Brasil, sendo a Bahia a principal capitania em que se estabeleceu. Luís Olímpio Teles de Menezes exerceu o magistério, tendo escrito e publicado um compêndio de *Ortoépia da Língua Portuguesa.* O jornal de Luís Olímpio Teles de Menezes foi antecedido de outro, igualmente por ele fundado, denominado *Monitor do Espiritismo no Brasil.* Deve-se-lhe a fundação, a 17 de setembro de 1865, da primeira sociedade espírita brasileira, Grupo Familiar do Espiritismo. *Bahia Literária, Boulevard, Oráculo do Povo, Ensaios Literários, Jornal dos Caixeiros, Microcosmo, Museu Social, O Carril, O Germen, O Irmão Ter-*

rível, (presumivelmente editado pela Maçonaria), *O Patriota, O Prenúncio, Fênix, Revista Comercial da Bahia* e *União e Indústria.* Vale incluir, nesta relação, o semanário *A Ordem,* editado na cidade da Cachieira, fundado, em 1870, por José Ramiro das Chagas e, mais tarde, continuado pelo seu filho Durval Chagas. *A Ordem* teve relevante papel na vida pública cachoeirana e nele, mais tarde, dentre outros nomes, iniciaram as suas carreiras no jornalismo: Astério e Sabino de Campos, Pacheco de Miranda Filho, Carlito Onofre, Fortunato Dória, Alexandre Alves Maciel Junior, Alberto Moreira Rabelo, José Moreira Rabelo, Artur Marques, Antônio Loureiro de Souza, Artur Durval, Virgílio César Martins Reis e outros. Ainda na cidade da Cachoeira, em 1877, no mês de abril, começou a circular um jornal diário: *O Guarani,* cujo número avulso custava 20 reis. Deu a lume 166 números, deixando de circular a 17 de outubro do mesmo ano. Era impresso em tipografia própria, denominada Tipografia Progresso. Não trazia nomes de diretor ou redator. Dizia-se noticioso, literário e comercial. *O Guarani* tinha as dimensões 14x23 cm, e constava, apenas, de 4 páginas. Foi, certamente, o primeiro diário editado em cidade do Interior do País.

JORNAIS QUE O SÉCULO XX ENCONTROU CIRCULANDO

Vindos do século passado e atingindo ao atual, lembraríamos os seguintes jornais: *Diário da Bahia, Diário de Notícias, Gazeta da Bahia, A Bahia,* que igualmente alvoresceu no século XX, e por cuja redação passaram, dentre outros: Castro Rebelo Júnior, Xavier Marques, Raimundo Bizarria, Lelis Piedade, Virgílio de Lemos; *Jornal Pequeno, Correio da Tarde,* onde escrevia Arlindo Fragoso, que foi o fundador, em 1917, da Academia de Letras da Bahia. Jornalista e escritor, deve-lhe a Bahia um acervo inestimável de serviços. *Correio do Brasil,* a *Gazeta do Povo,* fundada por Virgílio de Lemos, *O Norte,* etc. Lembraríamos, igualmente, *A Imprensa,* a *Gazeta de Notícias,* sendo que nesta trabalharam Rafael Spínola e Carlos Chiacchio, este último mantendo, na década de 40, um jornal eminentemente literário, denominado *Jornal de Ala,* uma das excelentes publicações já editadas na Bahia, no gênero, e uma espécie de continuação, no tempo, da *Nova Cruzada,* organismo literário e revista do mesmo nome, de que Chiacchio foi participante. Graças às preciosas informações do sr. Karlos Weber, que, com seus 89 anos, continua perfeitamente lúcido, lembrando-se do passado e dos seus tempos de militância nas letras e na imprensa da Bahia, havendo sido, mesmo, um dos fundadores da Nova Cru-

zada; graças a ele, podemos enumerar, ainda, os seguintes jornais e revistas que circularam na Bahia a partir de 1900: *Revista do Grêmio Literário da Bahia*, em 1900; *Revista Moderna de Letras e Artes*, 1900, que circulou, apenas, três vezes; *Nova Cruzada*, órgão da Sociedade de Letras e Artes, fundada em 13 de maio de 1901 e de que foi seu primeiro presidente Ambrósio Gomes; os *Anais*, primeira revista baiana premiada em exposição, direção e propriedade de Karlos Weber. Fundada em 21 de abril de 1911, a sua redação era na Rua de São Raimundo, 23. Desde o seu primeiro número, teve representante na Itália. Na Exposição Internacional de Turim, em 1911, foi premiada com Medalha de Bronze e, na do Liceu de Artes e Ofícios, na Bahia, premiada com Medalha de Ouro, em 1913; *Cultura Alemã*, revista mensal de letras, ciências, artes, história e atualidades. Direção, igualmente, de Karlos Weber, nela colaboraram Egas Moniz Barreto de Aragão (Pethion de Vilar) cujo centenário há pouco ocorreu, Bernardino de Sousa, Afonso Rui, Pires do Rio, Cristiano Muller e Eusébio Cardoso; a "Bahia Nova", propriedade e direção ainda de Karlos Weber. Nela escreveram Filinto Bastos, Aristides Novis, Teodoro Sampaio, Otávio Mangabeira, Alberto Rabelo, Pirajá da Silva; *A Justiça*, órgão do Grêmio Lítero-Jurídico Rui Barbosa, sendo seu diretor-presidente Oscar Tantu. Nela escreveram Moniz Sodré, Barros Porto, Guilherme de Andrade, outros; *Ad Lucem*, revista literária, órgão da Sociedade Literária Obreiros do Porvir; *Nova Revista*, revista literária, dirigida por Guimarães Cova; *A Malagueta*, revista crítica e humorística; *Revista da Associação Tipográfica Baiana*; *Seara de Ruth*, revista de letras, sob a orientação desse grande vulto das Letras e do Direito na Bahia que foi Almachio Diniz. Durou cerca de um ano. *O Correio*, jornal dirigido pelo Capitão João Varela; *O Anúncio*, de Abílio Bensabath; *O Bentivi*, órgão humorístico e literário, de que foi redator-chefe Genésio Pitanga Filho.

POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DA BAHIA

Por ocasião do centenário da nossa Independência, a 2 de julho de 1823, circulavam na Capital baiana os seguintes jornais e revistas: *Diário da Bahia*, *Diário de Notícias*, *A Tarde*, fundada em 15 de outubro de 1912, pelo grande jornalista Ernesto Simões Filho e que viria a se constituir, logo, em uma das mais importantes folhas do País, tradição que mantém até hoje. Situava-se, então, na Rua do Corpo Santo, 75, no Comércio. Por *A Tarde* passaram os maiores nomes do jornalismo baiano. Bastaríamos memorar: Si-

mões Filho, seu fundador; Aloísio de Carvalho (Lulu Parola), que iniciara no *Jornal de Notícias*, de Afrânio do Amaral, a secção humorística em verso *Cantando e Rindo* e a trouxe para *A Tarde* quando, a convite de Simões Filho, deixou aquele jornal. Lulu Parola chegou a publicar mais de 6.000 *Cantando e Rindo*. Especializou-se na sátira suave, leve, cheia de humor, glosando os fatos e aspectos mais interessantes da cidade; Wenceslau Galo; Marques Pinto; Henrique Câncio; Carlos Ribeiro; Carlos Chiacchio, que manteve, durante longos anos, uma secção de crítica literária, subordinada ao título "Homens e Obras". Através dessa secção, Chiacchio agitou e deu novas cores ao movimento literário baiano; Aloísio de Carvalho Filho, filho de Lulu Parola, que se projetaria não só no jornalismo como na política, chegando a Senador da República por duas vezes; Giovanni Guimarães, Aristóteles Gomes, Ranulfo Oliveira, Oto Bitencourt Sobrinho, outros e outros. *Diário Oficial do Estado,* fundado em 1915; *O Democrata; O Imparcial,* fundado em 1918, onde brilharam Lemos Brito, Edgard Curvelo, Laudemiro Menezes, Mário Monteiro, Wilson Lins, outros; *A Hora,* dirigida por Artur Ferreira, que, pelo seu temperamento violento, geraria duas tragédias, numa das quais pereceu assassinado; *Correio da Tarde; A Renascença,* revista; *A Fita,* revista; *Revista da Bahia; O Etc; Jornal Moderno,* de 1920; *O Correio; A Notícia; A Cidade; A Manhã; A Noite,* todos estes de 1920.

POR OCASIÃO DA REVOLUÇÃO DE 1930

Procuramos mostrar, nestas notas, alguns períodos importantes na vida da Bahia, mencionando quais os jornais e revistas que circulavam então. No ano de 1930, quando ocorreu uma revolução militar que modificaria, substancialmente, os velhos padrões políticos do País, circulavam em Salvador, dentre outros, os seguintes periódicos: *A Época; Era Nova; Fôia dos Rocêro,* fundada e dirigida por Mário Paraguaçu. Escrita em linguagem chamada "tabaroa", era satírica, dirigindo-se, especialmente, aos políticos. Às vezes exagerava, sendo o seu diretor alvo de ameaças. Por ocasião da Revolução de 30, Mário Paraguaçu foi preso porque, habituado aos costumes anteriores, desandara-se em críticas acerbas aos revolucionários; *A Luva,* revista, onde pontificavam estudantes como Ramayana de Chevalier, Berto de Campos e poetas como Áureo Contreiras, Elpídio Bastos, Bráulio de Abreu, Nathan Coutinho e outros; *Única,* revista, fundada, em 1919, por Amado Coutinho; *A Máscara,* revista, além dos já citados *Diário de Notícias, A Tarde, Diário da Bahia; O Imparcial; A Bahia.*

OS JORNAIS CONTEMPORANEOS

Viriam, depois, outros jornais, alguns desaparecidos já; *Bahia Jornal,* fundado e dirigido por Victor do Espírito Santo, que causou uma revolução no tradicional estilo da imprensa baiana; teve curta duração. *A Bahia,* dirigida por João Pacheco de Oliveira e *Estado da Bahia,* ambos de igual nome de jornais anteriores. *Tribuna da Bahia,* o mais novo jornal baiano, que já se firmou no conceito público. Há cerca de 14 anos surgiu, nesta Capital, um novo matutino, que viria, em pouco, a se incorporar aos melhores que aqui surgiram: o *Jornal da Bahia,* que não é aquele onde, há mais de um século (1856) e com igual nome, escreviam os maiores jornalistas do tempo. É outro, certamente com os mesmos propósitos e os mesmos ideais de bem servir à Bahia e à causa pública, fundado em 1958, 102 anos depois do primeiro, por João da Costa Falcão e que hoje, em 14 anos de vida, sob a mesma direção e tendo como redator-chefe João Carlos Teixeira Gomes, já se integrou entre os melhores diários brasileiros. Surgindo numa fase em que a Bahia iniciava a sua arrancada desenvolvimentista, tem acompanhado, participado e influído nesse processo de desenvolvimento, tanto assim que, ainda não há muito, sofreu uma radical transformação no seu parque gráfico e se apresenta em *off-set,* como os melhores jornais do mundo. Seguindo uma linha independente, o *Jornal da Bahia* de hoje mantém as tradições do seu homônimo do século passado e permanece vigilante na defesa dos interesses do povo, contribuindo, decisivamente, para o engrandecimento nacional. Incorporou-se à vida cotidiana baiana e nela, assim integrado, participa das suas mais caras aspirações.

OUTROS JORNAIS QUE VIVERAM E QUE VIVEM AINDA

Não poderíamos omitir, sem grave falta, outras publicações que já existiram e que ainda existem na Bahia. Vejamos: *Esporte Jornal,* semanário especializado, de que é fundador e redator-chefe Luís Eugênio Tarquínio; O *IC,* semanário dirigido por José Morais e Hélio Vieira de Santana, tendo como editor-chefe Geraldo Lemos; a revista *Festa,* fundada e dirigida pelos irmãos Eckner e Humberto Lírio da Silva; a revista *Bahia,* dirigida por Gumercindo Dórea e Alvaro Meira; *Jornal Universitário,* editado pela Universidade Federal da Bahia; a revista editada pelo CIA; outros já desaparecidos, como *Brasil Nosso,* fundado e dirigido por Francisco de Matos; *Festa,* dirigida por Lídio Santos, notável poeta lírico baiano; *Revista de Estatística e Divulgação,* fundada por José Nivaldo Alioni, Antônio Loureiro de Souza e Luís Augusto Ba-

tista Vieira; a revista de *Cultura e Divulgação*, fundada por Gilberto Ubaldo da Silva e Antônio Loureiro de Souza, estas duas órgãos da Prefeitura Municipal do Salvador, através do seu Departamento de Cultura e Arquivo; *A Gazeta*, fundada por Antônio Loureiro de Souza e Antenor Teixeira; *A Crítica*, fundada e dirigida por Edgard L. Maior; o jornal panfletário de Sebastião Nery, *A Semana; A Bahia*, de Teodomiro Batista, semanário onde escreveram Thadeu Santos, Alves Ribeiro, Antônio Loureiro de Souza, Themir Batista e outros; *O Amigo do Povo*, fundado e dirigido por Wilson Lins; *Revista Jurídica*, de que participaram, dentre outros, Madureira de Pinho, Luís Viana Filho, Nelson Pinto, Filinto Bastos etc.; *A Capital*, de João Machado; *O Jornal da Manhã*, que circulou, durante 3 anos, até bem pouco tempo e, segundo soubemos, reaparecerá, proximamente, em *off-set*, sob a direção do seu fundador Manoelito de Souza Pereira; *O Tempo*, dirigido por Orlando Gomes; *O Jornal do Comércio*, de Eloywaldo Chagas de Oliveira e Irênio Chaves. Que ainda circulam: *A Semana*, dirigida por Germano Machado; *O Verbo;* a revista *Liderança;* a *Revista dos Esportes;* a *Revista dos Bancos;* as revistas da Academia de Letras da Bahia, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e do Instituto Genealógico da Bahia; *O Mensageiro da Fé;* a revista *Afro-Ásia*, do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia; o mensário *Convicção*, dirigido por Abel Mendonça, etc. Não poderíamos encerrar estas notas sem nos referirmos a duas publicações importantes na vida estudantil baiana: *Ângulos* e *Mapa*, onde a juventude de então ensaiava as suas atividades jornalísticas e pregava os seus ideais. Também circulou, como órgão estudantil, na antiga Faculdade de Filosofia, hoje Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, o jornal *O Filósofo*, em 1952, editado e dirigido pelos alunos do Curso de Jornalismo daquela Faculdade. É certo, muito ainda falta para que a relação seja completa. Outras fontes ainda não puderam ser consultadas. Iremos, no entanto, buscando novos elementos e, um dia, daremos, já então em forma de livros, uma notícia tanto quanto possível completa. Uma coisa, todavia, podemos significar: é que ontem, como hoje, o jornalismo na Bahia tem sido um exemplo e uma forja inesgotável de grande valores.

Complementando estes apontamentos, vale salientar que o ilustre escritor baiano, radicado no Rio de Janeiro, Alexandre Passos, onde exerce a medicina, publicou, há pouco, um utilíssimo livro — *Um Século de Imprensa Universitária*, compreendendo o período 1831-1931, relacionando os periódicos acadêmicos editados por várias Faculdades brasileiras, inclusive a de Medicina da Bahia. Data vênia, e para que mais se complete o nosso trabalho, reproduzimos o capítulo referente à Bahia.

"A Faculdade de Medicina da Bahia veio a ter imprensa acadêmica, segundo os documentos conhecidos, quarenta anos após a sua criação. O primeiro período acadêmico publicado na Bahia, foi *A Borboleta* (1848-1849), fundada pelo quintanista Firmino Coelho do Amaral. Suas edições eram diminicais e em papel de cores diversas. Em 1849, ao encerrar a publicação do primeiro, em companhia de José Cândido da Costa, lançou *O Horizonte*, mensário de letras e ciências. Firmino era prosador e poeta, de vida literária intensa. Faleceu aos vinte e quatro anos de idade, em 1851, pouco aproveitando da formatura. Seu companheiro, na redação do hebdomadário *A Borboleta*, foi o seu também colega de série Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake. *O Ateneu* (1849-1850) "periódico científico e literário da Escola de Medicina da Bahia", tendo dois versos do Padre José Agostinho de Macedo ("Oh! doce amor das artes, das ciências / Como viver sem ti!") como seu dístico, era distribuído mensalmente, em fascículos de vinte páginas, e seu corpo de colaboradores era selecionado. Constituíam-no professores e estudantes de Medicina, escritores e poetas, e o formato era de revista, em duas colunas por página, sendo raros os anúncios. Apesar de quase cento e vinte anos decorridos da circulação da folha, o leitor de hoje não se decepcionará. No primeiro número, encontra-se elucidativa introdução; e, no último, do tomo I, seu diretor, a 15 de abril de 1850, expõe uma declaração aos assinantes, da qual transcrevo os trechos seguintes: "A todas as pessoas que tiveram a bondade de concorrer com suas luzes, escritos, quer com suas assinaturas para o brilhantismo e sustentação do *Ateneu*, muitos cordiais agradecimentos tributamos, e pedimos o obséquio de continuarem a, igualmente, prestar seu apoio para continuação de semelhante empresa. E, por último, ainda um prazer nos fica, é de declarar, em muito alto e bom som (ouça-nos o sr. poeta — logrado dessa vez — mais quem o aconselha) que a redação do *Ateneu* nada deve a alguém absolutamente, e que pretende ter desempenhado o que prometeu".

"Foi o canto de cisne. Aquele número encerrou a publicação do periódico, até porque, já diplomado, no ano anterior, Sacramento, como era natural, procurou integrar-se em sua profissão de médico. Como aconteceria algumas décadas depois, com o seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, teve críticos injustos, aos quais soube revidar, com a necessária altivez. *O Ateneu* era impresso na "Tip. Baiana, de J. A. Portela & Cia." Àqueles periódicos, seguiram os que constam da relação abaixo:

"*A Época Literária*. (1849-1850), "científica, literária, histórica e de Belas Artes", sob os auspícios de uma associação, e dirigida por Constantino José Gomes de Souza. Acadêmicos de Medicina tam-

bém redigiam esse periódico. *O Prisma* (1853-1856), mensário científico e literário, redigido por acadêmicos do terceiro e quarto anos. Foi seu principal colaborador Luís Miguel Quadros. "Tip. de Antonio Olavo da França Guerra & Cia." *O Acadêmico.* (1853), científico e literário, direção de Joaquim Esteves da Silveira. *O Estudante* — I (1856-1857). Semanário redigido por Luís Miguel Quadros e outros. "Tip. de Epifânio José Pedrosa". *O Estudante* -- II (1860). Redigido por Jerônimo Sodré Pereira. *O Eco Literário* (1861), semanário científico e literário. "Tip. do Interesse Público". *Jornal do Instituto Acadêmico.* (1861) científico e literário. *Revista Acadêmica* — I (1864). Mensário científico e literário. *Revista Acadêmica* — II (1865). Mensário científico e literário, independente da precedente. Redatores: Pacheco Pereira, Sátiro Dias, A. Pacífico Pereira, Aprígio de Menezes e Rozendo Moniz Barreto. "Tip. de França Guerra". *O Instituto* (1886). Científico e literário. *Revista dos Estudantes* (1868). Literária e noticiosa: Epifânio Rebelo e José Ramos Napier. *Ensaios* (1870). Quinzenal e literária, sob a direção de Frederico Lisboa, Alfredo Pompílio, Manuel Dantas e Paula Guimarães. "Tip. do "Diário da Bahia". *Microcosmo* (1870). Científico e literário, redigido por alunos do primeiro ano médico. *O Germen* (1870). Periódico dos estudantes do Curso de Farmácia. Diretores: Moura Junior e Leônidas Damásio. *Instituto Acadêmico* — I (1871). Científico e literário, redigido por Eutíquio Soledade e Alfredo Pompílio. *O Acadêmico* — II (1871). Científico e literário, redigido por Ascendino Reis, Ribeiro da Cunha, Moura Junior e Arêa Leão. "Tip. de "O Horizonte". *Instituto Acadêmico* — II (1873-1874). Órgão da Sociedade Instituto Acadêmico. Redator-Chefe: Romualdo A. de Seixas Filho. Redatores: Climério Cardoso de Oliveira, J.C. Baltazar da Silveira, Frederico de Castro Rebelo e Guilherme Pereira Rebelo. "Tips. do "Diário da Bahia e "Perseverança". *O Incentivo* (1874-1875). Mensário de ciências e letras, redigido por Climério Cardoso de Oliveira e Romualdo A. de Seixas Filho. "Tip. da "Imprensa Econômica". *Jornal Acadêmico* (1874). Órgão da "Sociedade Acadêmica Ciências e Letras". *Norte Acadêmico* (1875-1876). Científico e literário. Redatores: Manuel Victorino Pereira, Ferreira de Campos e Aureliano Garcia. *A Evolução.* Redatores: Joaquim Climério Dantas Bião e outros. *O Direito* (1883-1884), semanário científico e literário, redigido por João Clodoaldo. "Tip. "Imprensa Econômica". *Revista da Beneficência Acadêmica* (1884-1885), mensário, Redator-Gerente: Braz do Amaral; redatores: Alfredo Brito, Ezequiel Brito, Servílio Mário e outros. "Tip. dos "Dois Mundos". *A Pena* (1885). Literária e recreativa, redigida por Agnelo Tourinho. *Gazeta Acadêmica* — III (1891-1892). Científica, literária e crítica. Divisa:

"Nec temere, nec timide". Redator-Chefe: Egas Moniz Barreto de Aragão, que no mundo literário adotou o pseudônimo de Petion de Villar. "Tip. "Imprensa Popular da Bahia". *Gazeta Acadêmica* — II (1891). Redigida por Santos Silva e Duarte Gameleira. "Tip. "Americana". *Revista do Grêmio dos Internos* (1900-1903). Redatores: Ulisses Paranhos, José de Aguiar Costa Pinto, Joaquim Moreira Sampaio, Álvaro Tourinho e Aristarco Dantas. "Tip. "Imprensa Econômica". *A Regeneração* (1901-1902). Propriedade de uma associação de estudantes de Medicina. "Tip. "Imprensa Econômica". *Pequeno Jornal Médico* (1905), órgão do "Grêmio dos Internos". Redatores: Ezequiel Antunes, E. Leal Ferreira e Eduardo Alves Dias. *Bahia Médica* (1906-1907). Mensário colaborado por professores e alunos. Diretores: Raul de R. Medeiros, A. Inácio de Menezes e J. Martagão Gesteira. Redatores: Antônio Aleixo, Fernando São Paulo, Aristides Pereira Maltez, Eduardo Vidal da Cunha, Pedro Augusto de Melo, Zeferino A. do Amaral e outros. "Tip. e Encadernação do Liceu de Artes e Ofícios."

A Faculdade de Direito, já incluída, em parte, neste trabalho, também é lembrada por Alexandre Passos, que relaciona os seguintes órgãos: *Gazeta Acadêmica* (1892). Quinzenal. Redigida por Mário Tourinho, Trasíbulo Ferraz, Afonso Facchinetti, Oliveira Junqueira e Cícero Campos. "Tip. de J. Gonçalves Tourinho". *Revista Acadêmica* (1895). Órgão do Centro Acadêmico. Redatores: Pinheiro da Rocha, Manuel Pimentel, João Pinto, Fontes Junior e Batista de Oliveira. *Tribuna Acadêmica* (1895). Dirigida por Almachio Diniz. *A Confederação* (1905). Hebdomadário literário, noticioso e científico. Diretor: José Maurício; redatores: Durval Fraga e Aurélio Morais. "Tip. "Imprensa Econômica". *A Justiça* (1904-1910). Órgão do Grêmio Lítero-Jurídico. Redatores: Oscar Tantu, Medeiros Neto e Abelardo Vieira. *Correia Acadêmico* (1906). Redatores: Descartes de Magalhães, Oscar da Cunha, Edgard Imbassaí e Fernando Caldas. Até 1914, salienta, ainda, Alexandre Passos, circularam mais os periódicos *Via Láctea*, *Vera Cruz* e *Sírius*. *Revista de Direito* (1917-1919), colaborada por Antônio Bensabath, Clovis M. de Ataíde Pereira, Eduardo Espínola Filho e outros.

Indica, igualmente, Alexandre Passos, nessa beneditina pesquisa em torno dos jornais universitários brasileiros, que a Escola Politécnica da Bahia teria editado, pelos seus alunos, o periódico *Helius* (1909). Mensário científico e literário, sendo seu redator-chefe Hermelino Barros Lins e redatores José de Sá Roriz e Luís de Lima Pereira. Publicou, apenas, dois números. Já a Escola Agrícola de São Bento das Lajes teria publicado *O Agrônomo*, (1910-1912), órgão dos alunos do referido instituto. Há informações, não comprovadas, de que o grande poeta baiano Artur de Sales teria

publicado vários poemas seus nesse periódico. Seria o caso de uma pesquisa, mormente agora quando o governo do Estado, pelo seu Conselho Estadual de Cultura, trabalha na publicação das obras completas do insigne poeta, buscando, ainda, reunir trabalhos seus esparsos.

ANTÔNIO LOUREIRO DE SOUZA